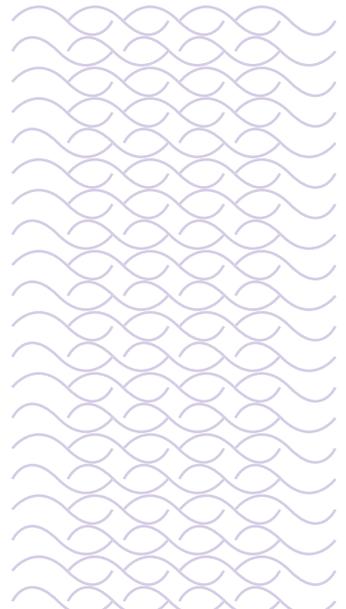
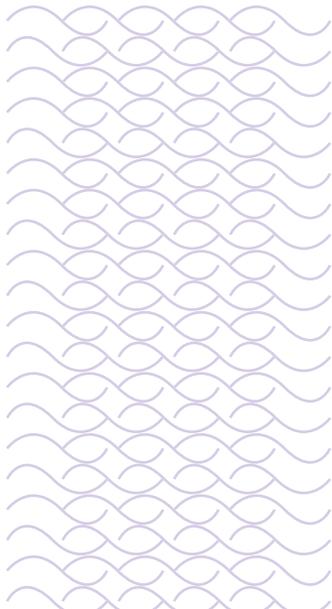


TESE



**Da cena do contato ao inacabamento da história:
Os últimos isolados (1967-1999), *Corumbiara*
(1986-2009) e *Os Arara* (1980-)**

Autora: Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Imagens de vínculo e o vínculo das imagens

Fabio Ciquini

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM
<fabio.ciquini@fapcom.edu.br>

No final de 2018, órgãos de imprensa do mundo todo noticiaram a morte do missionário evangélico norte-americano John Chau que, ao invadir a ilha Sentinela do norte no Oceano Índico, foi morto por habitantes locais que lá residem, segundo antropólogos, há cerca de 30 mil anos. Os sentineleses, como são denominados, são uma etnia completamente isolada e protegida pelo governo indiano. Qualquer tipo de contato com outros povos é vetado. O fato novamente jogou a luz midiática para a discussão sobre os denominados “povos isolados” e a necessidade (ou não) de se estabelecer contato com eles e, em reportagens sobre o fato referido, algumas tribos indígenas do interior do Acre e da Amazônia foram citadas como exemplos de povos originários cujo contato com o homem branco ainda não havia sido realizado.

Se este denominado primeiro contato já é alvo de profundas discussões entre antropólogos, cientistas sociais e a sociedade, como seria este primeiro contato mediado por câmeras? Quais seriam os impactos sociais, históricos e simbólicos pela realização de obras filmicas realizadas durante essa primeira experiência? De que forma a midiaticização dos primeiros contatos impacta os povos ‘isolados’?

Buscando aprofundar essas questões e muitas outras sobre a experiência filmica do primeiro contato e suas implicações antropológicas, sociais e cinematográficas, Clarisse Alvarenga conduziu densa pesquisa de doutoramento sobre o tema. Na tese, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG em 2015, sob orientação de André Brasil e coorientação de Claudia Mesquita, a pesquisadora, em um primeiro aspecto, versa sobre implicações históricas e a produção de significados no processo de primeiro contato com tribos indígenas, tendo o cinema como mediação. Sob uma sofisticada e sensível ótica que essencialmente tem como ponto de vista os povos ameríndios, a autora considera também o processo de montagem em suas análises. Como objetos de estudo da pesquisa, a pesquisadora elege os filmes *Os últimos isolados* (1967-1999), de Adrian Cowell, *Corumbiara* (1986-2009), de Vincent Carelli, e *Os Arara* (1980-) de Andrea Tonacci. Já de início, ressalta-se, um dos pontos consistentes da tese é a escolha do objeto de estudo, pois trata-se

de um gênero filmico (o cinema de contato) praticamente inexplorado nas pesquisas acadêmicas sobre produtos audiovisuais.

Menos pelo volume da tese (267 páginas) e mais pela sua qualidade na argumentação acadêmica e composição de autores clássicos da Antropologia (Lévi-Strauss, Viveiros de Castro, Roy Wagner etc.) e Cinema (Bernardet, Delleuze, Ismail Xavier etc.), nos cinco capítulos da pesquisa, a autora entrelaça sensivelmente paradigmas culturais do Ocidente, como a importância da visão e sua associação com o conhecimento e referências às cosmologias indígenas, o modo de pensar a floresta e a centralidade do corpo nos modos de percepção e conhecimento para esses povos.¹

Nesse sentido, no Capítulo 1, “Filmar o contato”, Alvarenga discorre sobre a temporalidade do contato inicial em si, os *momentos intensos*, prenes de tensionamento, “guinadas narrativas e desregulações da mise-en-scène” (p. 23). Neste ponto, a autora recupera episódios importantes como cenas gravadas pela missão Rondon e expõe equívocos como cenas de contato inicial em que o ideário político afirmativo do Estado é enfatizado e indígenas são exibidos “integrados” como trabalhadores rurais. Há que se destacar na obra, reafirmamos, a perspectiva ameríndia empregada pela autora, com uma complexa criticidade sobre as tais cenas de contato e o modo como se entrelaçam a necessidade de visibilidade para o homem branco com os regimes do tato e da escuta para os indígenas. Se para o primeiro interessam sobretudo as imagens do contato (em especial na época do contemporâneo midiático), para estes o estranhamento com e da imagem é apenas mais um dos apaixonamentos que ocorrem no processo. Afirma Alvarenga que, para além do instante de encontro em si e a empreita de fazê-lo visível, para os indígenas há outros regimes de sentido que rebaixam a importância da visualidade da imagem filmica. O toque e a escuta (Serres), os corpos indígenas e sua multiplicidade sensorial e simbólica de certa forma realocam a intenção filmica a um segundo plano e possibilitam que as primeiras imagens gravadas ressaltem sua hapticidade, ou seja, as dinâmicas imagéticas no primeiro contato contêm uma complexidade sensorial que valoriza a tatilidade. Em um trecho específico, a autora sintetiza diferenças fundamentais entre brancos e indígenas no primeiro contato:

Enquanto os brancos lidam com os indígenas via documentos, relatórios, mapas e presentes, ou seja, de modo institucional, o que os indígenas oferecem de volta são estrepes, flechas, presentes descartados – como no caso dos Arara –, chegando à esquiwa deliberada a comparecerem ao encontro – como o índio do buraco em Corumbiara ou os Avá-Canoeiro em Fragmentos de um povo. Enquanto os brancos parecem querer mostrar (e fazer um filme é uma das formas de mostrar) e lidam com o visível (com aquilo que eles conseguem ver), os indígenas se escondem e lidam com um mundo no qual o invisível também é constituinte e determinante. (p. 59).

1 As etnias abordadas nos filmes analisados foram Panará, Uru-Eu-Wau-Wau, Avá-Canoeiro, Karoê, Akuntsu e Arara.

Sob essas múltiplas fraturas, o *narrar o contato* nas obras estudadas ganha tonalidades distintas. Há uma topologia do instável (BRASIL, 2017) em que o contato não se resume ao momento intenso inicial, mas se amplia no extracampo do filme – naquilo que o enquadramento da câmera não registra –, nos tensionamentos, nos silêncios e no proposital distanciamento de algumas tribos que fogem ao contato. Amplia-se assim a noção de contato primeiro – e neste ponto está uma das propostas originais da pesquisadora – para contatos processuais que ocorrem em distintos momentos do fazer fílmico e da montagem, ao longo de muitos anos, como reforçam a extensão temporal dos filmes estudados.

Nesse sentido há uma processualidade (*cinema-processo*) em que o inacabamento (termo poeticamente empregado no título) é da própria natureza do encontro mediado pelas câmeras entre indígenas e o homem branco. Obviamente que não se trata de um desleixo da pesquisa que apressadamente julga o inacabamento como forma habitual dos filmes de contato, mas antes de uma atenção à complexidade das tramas envolventes e que os filmes analisados buscam costurar. Aliás, a leitura da tese não deve ser feita de modo exclusivo, mas concomitantemente deve-se assistir aos filmes analisados, primeiramente pois fundamentais na filmografia antropológica brasileira, mas também para que o ritmo de leitura não seja abalado pelas minuciosas descrições de cenas e comentários críticos acadêmicos empreendidos pela autora, uma vez que nos Capítulos 3, 4 e 5 abordam-se especificamente os filmes *Os últimos isolados*, *Corumbiara* e *Os Arara*, respectivamente.

A sempre fundamental discussão em torno das questões indígenas no país deve ganhar preemência absoluta e urgente no Brasil atual. Ataques à demarcação de terras indígenas, desrespeito às tradições e rituais desses povos infelizmente têm sido tônica entre parte da população e por políticas institucionalizadas do Estado. Diante desse contexto tenebroso, o trabalho de Alvarenga, merecidamente premiado pela Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) em 2016 como melhor tese, torna-se leitura importante não somente para os interessados no conhecimento acadêmico sobre teorias cinematográficas, mas também no âmbito da Antropologia, teorias da imagem e (por que não) dos direitos humanos.

Oportunamente, a tese foi publicada como livro em 2017 pela editora da Universidade Federal da Bahia e tem distribuição em PDF pelo próprio site da editora.² É um alento em tempos em que, como afirma o Xamã e líder Yanomami Davi Kopenawa na epígrafe do trabalho, “o homem (branco) acha que conhece as coisas, mas só vê os desenhos da sua própria escrita”.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. *Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-)*. 267f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

2 O livro está disponível no endereço virtual: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22849>.



Dados dos autores:

Autora da tese: Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Clarisse Alvarenga é formada em Comunicação Social (UFMG), com mestrado em Multimeios (Unicamp), doutorado em Comunicação Social (UFMG) e pós-doutorado em andamento no PPGAS do Museu Nacional (UFRJ). Atua no campo do cinema, com interesse nos temas: documentário, cinema latino-americano, audiovisual comunitário, vídeo popular, oficinas de vídeo, e cinema e educação. Seu trabalho envolve atenção ao cinema indigenista e ao cinema indígena brasileiros. É autora do livro *Da cena do contato ao inacabamento da história* (Edufba, 2017), e também realizadora, tendo dirigido os longas-metragens *Ô, de casa!* (2007) e *Homem-peixe* (2017). Atualmente, é professora adjunta na Faculdade de Educação da UFMG, onde atua como membro permanente do Mestrado Profissional em Educação e como docente do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Tese: *Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-)*

Orientador: Prof. Dr. André Guimarães Brasil

Coorientador: Profa. Dra. Claudia Cardoso Mesquita

Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2015.

Autor da resenha: Fabio Ciquini

Doutor em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação em Semiótica PUC-SP (bolsista CNPq), mestre em Comunicação Visual (UEL), especialista em Fotografia (UEL) e graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UEL). É docente nos cursos de Fotografia e Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e nos cursos de Jornalismo e Publicidade da Faculdade Casper Líbero.